

JANAINA DE SOUZA VIEIRA SANTOS

**“ESCOLHA UMA VIDA”:
A TOXICOMANIA NO FILME *TRAINSPOTTING* SOB A PERSPECTIVA
PSICANALÍTICA DE CLAUDE OLIEVENSTEIN**

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo

2008

JANAINA DE SOUZA VIEIRA SANTOS

**“ESCOLHA UMA VIDA”:
A TOXICOMANIA NO FILME *TRAINSPOTTING* SOB A PERSPECTIVA
PSICANALÍTICA DE CLAUDE OLIEVENSTEIN**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Talitha Ferraz de Souza

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2008

Agradecimentos:
Primeiro, aos meus pais e ao meu irmão pelo apoio incondicional,
as minhas amigas que fizeram destes cinco anos de faculdade um período inesquecível,
a minha orientadora por sua dedicação e paciência,
aos meus inspiradores professores e ao meu leal cachorro Jason.
Dedico este trabalho a minha avó e ao meu cachorro Tobbie, que infelizmente partiram
durante este ano, mas que continuam a me fazer sorrir.

Área de Conhecimento: 7.07.00.00-1 Psicologia. Janaina de Souza Vieira Santos: "Escolha uma vida": a toxicomania no filme *Trainspotting* sob a perspectiva psicanalítica de Claude Olievenstein, 2008.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Talitha Ferraz de Souza

Palavras-chave: drogas, Psicanálise, Olievenstein.

Resumo

O presente trabalho se propõe a pensar a toxicomania a partir da análise do filme *Trainspotting* sob a perspectiva psicanalítica de Claude Olievenstein. Para tanto, foi realizado um breve histórico sobre a Psicanálise e a toxicomania. Da obra de Olievenstein foram priorizados alguns aspectos fundamentais da clínica da toxicomania: a constituição psíquica do sujeito do sujeito toxicômano durante a infância, abordando a teoria do Estágio do Espelho Partido e a teoria do Estágio do Exagero; a conduta ordálica e o jogo. Foi também abordado o paradoxo fundamental do toxicômano: fugir da morte em direção à morte. Durante a análise do filme, procurou manter-se o foco no sofrimento do sujeito toxicômano, respeitando sua especificidade.

Sumário

Introdução	2
<i>Quem são "eles"?</i>	2
I – Metodologia	5
II – Psicanálise e Toxicomania	7
<i>Mal-estar na cultura</i>	7
<i>Os psicanalistas e a toxicomania</i>	9
III – O Toxicômano	12
<i>Infância do toxicômano</i>	12
<i>Estágio do Espelho Partido</i>	13
<i>Estágio do Exagero</i>	16
<i>O paradoxo do toxicômano: fugir da morte em direção à morte</i>	20
<i>Conduta ordálica</i>	23
<i>O jogo</i>	25
IV – Relato de <i>Trainspotting</i>	27
IV – Análise de <i>Trainspotting</i>	35
Considerações Finais	42
Referências Bibliográficas	43

Introdução

Farmacodependência é uma organização processual de um sintoma que se funde do encontro do sujeito (com suas características de personalidade e sua singularidade biológica) com uma substância psicoativa (com suas propriedades farmacológicas específicas) em um determinado contexto sócio-cultural.

Silveira (1996) aponta alguns fenômenos importantes para sua compreensão:

- a droga é um objeto que sempre existiu, independentemente do conteúdo subjetivo que possa vir a exprimir;
- a atitude do indivíduo diante da droga varia de acordo com o espaço, o tempo, a ideologia e a características sócio-culturais do momento do encontro entre o indivíduo e esta;
- em um mesmo contexto sócio-cultural, a atitude dos indivíduos frente à droga varia segundo suas características pessoais.

É importante uma distinção entre usuários recreativos de drogas e toxicômanos. A maioria dos usuários de drogas não é e nunca será dependente do produto. Este, na maioria das vezes, é procurado apenas como fonte de prazer. No entanto, para o toxicômano, a droga desempenha um papel central na sua organização, ocupando, através do prazer, lacunas importantes nesta, tornando-se indispensável ao funcionamento psíquico do sujeito.

O fato do ser humano buscar ativamente a droga é um ponto fundamental para a compreensão do fenômeno da toxicomania.

Quem são "eles"?

É impossível caracterizar uma personalidade toxicomaniaca. Não há uma especificidade estrutural, portanto não podemos denominá-la doença, mas sim, conduta.

A Psicanálise substitui um modelo neurológico de degenerescência para a compreensão do fenômeno. Porém, muitas vezes o inclui na mesma categoria psicopatológica das perversões e dos transtornos de caráter.

Na segunda metade do século XX, as drogas se tornaram um fenômeno de massa.

A partir desta 'democratização' das drogas, os usuários deixam de ser identificados como 'certos tipos de marginais' ou algo como 'certas espécies de perversos' de que se ouve falar, para serem identificados como nossos amigos, irmãos, nós mesmos... A partir deste momento em que o uso de drogas adquire um caráter quase banal, a droga deixa de ser o depositário das projeções de tudo o que é indesejável em nossa cultura (Silveira, 1996, p.6).

O toxicômano é o sujeito que se encontra diante de uma realidade objetiva ou subjetivamente insuportável, a qual não consegue modificar ou esquivar-se, restando-lhe como única alternativa a alteração desta realidade, através da droga. Assim, consumi-la se torna um ato compulsivo, estabelecendo-se um duo indissociável sujeito-droga, que mantém o equilíbrio do sujeito, enquanto a droga for capaz de manter a alteração da percepção de uma realidade insuportável. Para o toxicômano, a droga é uma questão de sobrevivência. Não tê-la é perder-se. Ela pode também ser a possibilidade de resgate de aspectos de sua identidade.

A toxicomania se configura como sua única "lei" possível. As leis da nossa cultura não existem para muitos dos toxicômanos. É a especificidade desta relação com a lei, entre outros aspectos, que contribui para o estabelecimento de relações peculiares do toxicômano com seu corpo, que passa a ser o terreno escolhido para a inscrição de sua personalidade. Assim, auto-erotismo, ambivalência sexual, androginia, serão modos particulares de expressão erótica deste sujeito.

Sem a lei patriarcal, o indivíduo permanece em um universo matriarcal. Aqui, a noção de tempo não é lógico-linear, mas é centrada na instantaneidade, se configurando quase que uma vivência de eternidade, que, entre outros aspectos, torna igualmente particular a relação do toxicômano com a morte. Este se coloca, constantemente, em confronto com ela.

A própria intoxicação é um modo de tentar anular a marcha do tempo linear que, estranha ao toxicômano, leva à morte. Esta lhe protege do cotidiano insuportável. No prazer da drogar, ele encontra a possibilidade de existência enquanto indivíduo. O que o diferencia do "doente mental" é o fato do prazer da droga ser real. E este pode ser comprovado por qualquer pessoa que se disponha a prová-la.

A toxicomania não pode ser reduzida aos seus aspectos orgânicos, assim como nem toda dependência física se associa a uma conduta toxicomaniaca.

O modelo científico positivista é limitado para a compreensão deste fenômeno. As contribuições neurofisiológicas e farmacológicas têm sido importantes para a compreensão do funcionamento cerebral, porém dificilmente poderá compreender totalmente a toxicomania.

Os toxicômanos são marginais em um contexto social. Sua conduta questiona nossa estrutura social. Ela denuncia "(...) aspectos hipócritas, patológicos e patogênicos, medíocres e estagnantes de nossa sociedade, que comprometem a individualidade do ser humano" (Silveira, 1996, p. 10). Assim, tal conduta pode refletir o que acontece ao redor do sujeito, da família e da sociedade. Além disso, o caráter peculiar de suas relações com a sexualidade e morte os torna ainda mais incômodos e provocativos.

A transgressão, a desproporcionalidade e a indiferenciação sexual permitem ao toxicômano experimentar uma diversidade de vivências no campo da sexualidade, no qual quase tudo é permitido. A sociedade, patriarcal, prefere denominar tal conduta sexual de perversa, o que é "(...) mais cômodo do que captar possíveis significados mais profundos das mesmas" (Silveira, 1996, p. 11). A frágil identidade do toxicômano, através da experiência toxicomaniaca, é mascarada por uma auto-imagem heróica e onipotente, que, entre outros aspectos, transforma sua relação com a morte.

O filme *Trainspotting* dirigido por Danny Boyle, baseado no livro homônimo de Irvine Welsh, retrata a toxicomania. De modo crítico e amoral Danny Boyle nos apresentou esse intrigante e desesperador universo. É a partir deste filme que proponho uma reflexão sobre a toxicomania, tendo como perspectiva teórica a Psicanálise, a clínica da toxicomania de Claude Olievenstein.

I - Metodologia

Para a execução deste trabalho foi realizado um breve histórico sobre os autores psicanalíticos que se propuseram a estudar a toxicomania, desde Freud até Claude Olievenstein. Sendo que é a partir da perspectiva psicanalítica deste último que a análise do filme será embasada.

Claude Olievenstein é um psiquiatra nascido em Berlim em meio ao nazismo no ano de 1933. Filho mais novo de uma família judia, seus pais, seu irmão e ele tiveram de refugiar-se na França devido a perseguição nazista. Ingressou na medicina em 1952, interessando-se por psiquiatria no terceiro ano do curso, quando iniciou um estágio. Trabalhou nos hospitais psiquiátricos de Charenton, Sotteville-les-Roule e Maison Blanche, até decidir, em 1960, prestar serviço militar na África do Norte, em meio a guerra da Argélia. Em 1964 começou a trabalhar no hospital psiquiátrico de Villejuif, onde teve sua primeira experiência pessoal com drogas, LSD. Anos mais tarde, em 1968, iniciou seu trabalho com toxicômanos em um pequeno pavilhão no hospital de Villejuif. Porém, é em 1971 que surge Marmottan, um serviço de hospitalização especializado em toxicomania.

Olievenstein possui um amplo trabalho na clínica toxicomaníaca. Em seus livros, ele discute a toxicomania desde sua origem na infância até o sofrimento do sujeito desintoxicado. Em suas teorias fica evidente a influência de Jacques Lacan, no entanto, é possível reconhecer aspectos da Psicanálise de Melanie Klein e Winnicott.

Mesmo se utilizando da Psicanálise e de outras teorias, algumas provenientes da Física, por exemplo, para teorizar sobre a toxicomania, Olievenstein admite uma postura fenomenológica diante do sujeito, sendo influenciado pela Fenomenologia de Merleau Ponty.

É este encontro de inúmeros conhecimentos unidos a uma postura humana de Olievenstein que permeiam a prática em Marmottan. Sendo que, dos muitos trabalhos provenientes desta, contam a contribuição de outros psiquiatras e pesquisadores da clínica toxicomaníaca.

Na análise do filme alguns aspectos desta clínica serão abordados em uma tentativa de produzir uma reflexão sobre a toxicomania. E assim como Olievenstein, *Trainspotting* nos permite olhar o sujeito toxicômano de modo íntegro e legítimo, buscando uma compreensão que transcenda as posições organicistas e sociais adotadas hoje em dia.

O relato que foi realizado do filme não se propõe a ser uma cópia escrita, ao contrário, ele está impregnado por um olhar, que mesmo tentando ser o mais neutro possível, acaba por revelar sua peculiaridade. A tradução de algumas falas do narrador do filme, Mark o próprio protagonista, foi realizada de modo livre, a partir do roteiro original.

II - Psicanálise e Toxicomania

Silveira (1996) comenta a relação de Freud com a cocaína, desde sua paixão inicial pela droga até seu desencanto final. O fracasso com a cocaína marca o abandono de todo objeto substancial como suporte do “desejo de curar” freudiano. Há um desejo de curar sem medicamentos.

Freud não escreve especificamente sobre a toxicomania, porém por algumas vezes ele faz menções sobre tal fenômeno em sua obra. O autor pontua algumas destas.

- Em 1897, quando afirma que a dependência de morfina, álcool ou tabaco é um substituto da masturbação infantil, a primeira forma de adição para Freud.
- Em 1904, “... O bom humor que surge endogenamente ou provocado pelos tóxicos debilita as forças inibidoras, entre elas a crítica, tornando assim acessíveis fontes de prazer sobre as quais atuava a repressão... Sob a influência do álcool, o adulto se converte novamente em criança...” (Freud, *apud* Silveira, 1996, p. 21).
- Em 1905, Freud afirma que em certas crianças “... a importância erógena da zona labial se encontrar constitucionalmente reforçada. Se esta importância é conservada, tais crianças chegam a ser, quando adultos, inclinados... a beber e fumar excessivamente...” (Freud, *apud* Silveira, 1996, p. 22).
- Em 1917, Freud afirma que as intoxicações pertencem ao grupo dos estados mentais maníacos, devido ao fato de produzirem estados eufóricos.

A toxicomania deve ser interpretada em termos de uma fixação oral e relacionada com a psicopatologia da mania. É necessário compreender a dinâmica da oralidade e ainda atentar para aspectos como “a intolerância à espera na satisfação do desejo, a importância da fixação e da regressão” (Silveira, 1996, p. 22).

O mal-estar na cultura

Segundo Pacheco (1998), Freud afirma que a vida é muito árdua, nos proporciona muitos sofrimentos e decepções, exigindo de nós metas impossíveis de serem cumpridas. Para suportá-la são possíveis três medidas:

1. "satisfações substitutivas, como a arte, que se revelam psiquicamente eficazes, devido ao papel da fantasia na vida mental" (Pacheco, 1998, p. 124);
2. "derivativos poderosos, como é a própria atividade científica, que nos fazem extrair luz de nossa própria desgraça" (Pacheco, 1998, p. 124);
3. "substâncias tóxicas, que influenciam nossos corpos e nos tornam insensíveis aos nossos sentimentos" (Pacheco, 1998, p. 124).

As ações dos indivíduos buscam obter felicidade, tendo como objetivos principais: ausência de sofrimentos e de desprazer e experiências de intenso prazer.

A vida humana é regida pelo "princípio do prazer", ainda que a felicidade plena seja impossível de ser alcançada. A satisfação de desejos represados em alto grau só é possível como manifestação episódica (Pacheco, 1998, p. 125). Enquanto, a infelicidade, como afirma Pacheco (1998), é muito mais freqüente é advinda de três direções:

1. "o nosso próprio corpo, condenado à decadência e dissolução" (Pacheco, 1998, p. 125);
2. "o mundo externo material, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas" (Pacheco, 1998, p. 125);
3. "a sociedade e a cultura" (Pacheco, 1998, p. 125).

A maioria dos indivíduos modera suas reivindicações de felicidade, sendo regidos pelo "princípio de realidade", colocando a eliminação do sofrimento à frente a obtenção de prazer.

Pacheco (1998) aponta algumas vias para isso: "a aniquilação dos nossos próprios desejos, por meio de alguma prática de ascese espiritual"; "a reorientação dos objetivos das pulsões para evitar frustrações", as sublimações; "o distanciamento da realidade, por meio da fruição de obras de arte"; "o 'abandono' da realidade, por meio da loucura" e "a busca de 'objetos de amor', para os quais dirigir a pulsão libidinal" (Pacheco, 1998, p. 125).

A escolha e a quantidade de pulsão que serão dirigidas "(...) para cada uma dessas alternativas depende da especificidade de cada sujeito e a singularidade da interação entre constituição psíquica e circunstância da ambiente e da história de cada um" (Pacheco, 1998, p. 126). Pacheco (1998) explicita outras duas vias: a deformação do mundo real, através de um delírio de massa, como nas religiões, nas quais há uma intimidação da inteligência e um infantilismo psicológico, e ainda, a droga, que aumenta o prazer e diminui a sensibilidade ao desprazer, sendo um meio de refugiar-se em um mundo próprio, atingindo um alto grau de independência do mundo externo e da realidade.

Segundo Pacheco (1998), Freud destaca, ainda, três aspectos sobre o consumo de drogas:

1. "o valor que vários indivíduos e sociedades conferem à droga, reservando-lhe um lugar permanente na economia libidinal" (Pacheco, 1998, p.126);
2. "o desperdício de uma grande quota de energia com a droga, que poderia ser empregada no aperfeiçoamento do destino humano" (Pacheco, 1998, p.126);
3. "o fato de a independência da realidade e o refúgio no mundo interior, por meio da droga, poder constituir-se em perigo e possibilidade de danos" (Pacheco, 1998, p.126).

Os psicanalistas e a toxicomania

Silveira (1996) comenta sobre alguns psicanalistas que refletiram sobre a toxicomania.

Karl Abraham (1916) destaca a importância da afeição oral nas toxicomanias. *Sandor Ferenczi* (1911) afirma que a dependência é consequência de um distúrbio psíquico e, a psicanálise é capaz de revelar as causas da fuga pelas drogas. Ambos acreditavam que a homossexualidade inconsciente é um aspecto fundamental que permearia tal problemática.

Pierre Clark (1919) retoma a correlação da toxicomania com os estados maníaco-depressivos. *Kielholz* considera a dependência uma neurose narcísica relacionada à psicose maníaco-depressiva. A dissociação entre o ideal de ego e o ego do indivíduo é tão profunda e intolerável que este necessita da droga para evitar uma intensa melancolia.

Rado, na década de 20, a partir de suas pesquisas sobre o tema conclui que há sempre uma “depressão tensa” na base de toda toxicomania, tendo como uma de suas características a intolerância ao sofrimento. O gozo obtido através das drogas neutraliza tal sofrimento, produzindo euforia e estimulação, como se o ego reencontrasse a satisfação narcísica perdida. No entanto, tal prazer é transitório, assim como a satisfação, sobrevivendo, mais uma vez, a depressão e a necessidade de livrar-se dela, caracterizando-se um círculo vicioso, no qual o ego está em relação consigo mesmo. O alto nível de auto-estima conquistado com a ingestão da droga é imaginário, portanto, ao final do “efeito tóxico, a depressão que se segue acarreta conseqüências cada vez mais devastadoras para o ego”.

Simel, entre 1928 e 1949, afirmou que o toxicômano é um melancólico que neutraliza seu superego através da droga. Assim, o ego reencontra sua auto-estima, organizando sua atividade de mental de modo a obedecer, preferencialmente, o princípio do prazer infantil. Inicialmente a toxicomania é uma psicose com ênfase no mecanismo neurótico-obessivo, porém com a intoxicação, ela se transforma numa neurose narcísica maníaco-depressiva.

Herbert Rosenfeld, psicanalista kleiniano, na década de 60, vincula a toxicomania à perturbação maníaco-depressiva, porém considera que a fraqueza egóica é muito maior nos toxicômanos do que nos maníaco-depressivos. Ao tentar fugir dos estados depressivos por sentir-se incapaz de suportá-los, o sujeito apela para mecanismos maníacos, mas devido a sua fragilidade egóica, isso só é possível através da droga. Sob o predomínio de tais mecanismos, as frustrações e ansiedades, principalmente as persecutórias, são negadas. A droga simboliza, então, o objeto ideal que pode ser incorporado concretamente e, cujo efeito reforça a onipotência dos mecanismos de negação e divisão. Durante os estados maníacos, a droga é como um dedo que a criança chupa para substituir o “seio ideal”.

Para *Rosenfeld*, a toxicomania se deve a uma regressão oral, mas também a uma excessiva divisão do ego e seus objetos internos, fragilizando o mesmo. Embora tenha atingido parcialmente a posição depressiva, o toxicômano está fixado na posição esquizo-paranóide. Ele tenta, através da droga, não ingressar na posição depressiva, pois essa representa a incorporação de seus aspectos dissociados. Se esta ocorresse, seu ego desintegraria totalmente, implicando em uma psicose. A droga é um modo quimicamente efetivo para superar a fragilidade egóica e evitar a psicose.

Se entendermos a toxicomania como um fenômeno perverso, devemos considerar que o indivíduo está fixado na fase fálica, na qual há uma necessidade de negar a angústia de castração. A toxicomania tem, então, como função negar tal angústia, criando uma sensação de completude. A droga representa o falo enquanto fetiche.

E por fim, segundo Silveira (1996), *Claude Olievenstein* considera que a toxicomania não é redutível à neurose-obsessiva, à psicose maníaco-depressiva ou à perversão. O fenômeno é caracterizado por conjunto dinâmico de elementos, no qual a fragilidade egóica é fundamental. *Olievenstein* se utiliza do "Estágio do Espelho" para explicar a toxicomania. Neste estágio, a criança se percebe como um outro em um espelho real ou simbólico, lhe permitindo romper a simbiose com sua mãe. "No futuro toxicômano, ocorre algo intermediário entre um estágio do espelho bem sucedido (normalidade) e um estágio do espelho impossível (psicose)" (Silveira, 1996, p. 27). No momento em que se deve constituir um ego distinto do ego fusional mãe-bebê, quando a criança descobre a si mesma e sua imagem, o espelho se parte, refletindo uma imagem fragmentada e uma incompletude representada pelas fendas deixadas pela ausência de pedaços do espelho. A droga completa tais fendas "(...) e refaz essa efêmera imagem de um ego ainda não fragmentado" (Silveira, 1996, p. 28).

III - O Toxicômano

A infância do toxicômano

Há um sistema de fabricação de toxicômano? Ou um determinismo causal?

(...) será que um toxicômano se assemelha a outro toxicômano tal como a estrutura de um cristal se assemelha isomorficamente à estrutura de outro cristal, ou será que eles nada têm em comum senão a evanescência inapreensível da fumaça? (Olievenstein, 1983, p. 7).

Olievenstein (1983) nos mostra que o psiquismo humano é contraditório, oscilando entre o cristal e a fumaça e que, de certo modo, há um modo de fabricação "organizador" de toxicômanos, porém contraditoriamente, esse não é inelutável e irreversível.

Inicialmente, é fundamental que se faça uma distinção entre usuários de drogas, sejam elas quais forem, e toxicômanos.

Segundo Olievenstein (1983), os usuários de drogas dependem de um questionamento social, enquanto os toxicômanos sofrem de uma patologia, dependendo, conseqüentemente, de uma intervenção terapêutica. Há pessoas que consomem drogas e que não se tornaram ou não se tornarão dependentes e, há os toxicômanos. E a diferença entre eles se constitui na primeira infância.

É também essencial que o aspecto biológico da questão, como suporte e reflexo do psiquismo, seja sublinhado. Sistemas neurobiológicos, sinápticos, hormonais e enzimáticos que acionam fenômenos, cuja soma permitem a passagem do quantitativo ao qualitativo, destacando a natureza objetiva da droga.

Entretanto, existem inúmeros estados intermediários entre ser ou não ser toxicômano. De acordo com Olievenstein (1983), algumas pessoas possuem tal patrimônio em suas aquisições infantis e nem por isso são ou serão toxicomaníacas. Além de tais aquisições, duas condições são necessárias: o encontro com a droga e a relação com a transgressão da lei.

A relação com a lei, seja ela real ou imaginária, é modificada: pela necessidade de se organizar o narcisismo fragmentado, pela existência de uma coerção lúdica mais

imperativa que a compulsão à lei, pelo masoquismo ser o único modo de ser no mundo ou, ainda, devido a esses três aspectos juntos.

A questão que se coloca diante de todo terapeuta é saber de que estrutura psicológica se trata. Esse constatará que o toxicômano se assemelha um pouco com algo que já lhe é familiar: um pouco psicótico, um pouco maníaco-depressivo, um pouco perverso, um pouco homossexual etc. O sujeito é um pouco de tudo, mas nada inteiramente. Essa é uma das questões fundamentais que Olievenstein nos apresenta: o sujeito é tudo e nada, simultaneamente.

Assim, para entender o toxicômano é necessária a compreensão da construção específica da personalidade do sujeito, do caráter específico da droga e do seu encontro específico com o corpo e o psiquismo, que acarreta uma modificação irreduzível, afetando o corpo e a mente, criando uma "instantaneidade" organizadora de unidade inexistente até então.

Estágio do Espelho Partido

Na teoria lacaniana, o estágio do espelho se dá quando a criança se descobre outra num espelho real ou simbólico, rompendo, assim, a existência fusional que mantinha com sua mãe. Neste momento, há o *flash*, a descoberta da imagem de si.

Durante o seu desenvolvimento, inúmeras rupturas acontecem, desde o nascimento até a aprendizagem das leis. Durante esse processo podem existir fatores múltiplos de derrapagem, sendo que é dessa que trata o estágio de espelho partido.

A impossibilidade do estágio do espelho, devido a inúmeros fatores, pode implicar em uma psicose.

No toxicômano, algo ocorre intermediário entre o estágio do espelho bem-sucedido e o estágio do espelho impossível.

Na metáfora do espelho, nessa passagem em que um ego distinto do ego fusional mãe-bebê deveria se constituir, neste momento em que haveria um cara a cara com o espelho, o *flash* da descoberta de si e da imagem de si, o espelho se parte, refletindo, simultaneamente, uma imagem, porém uma imagem fragmentada. A imagem faz referência a uma incompletude, na qual as fendas deixadas pela ausência do espelho

remetem ao estado fusional anterior. O sujeito vive um estado de futuro inelutável e uma nostalgia do paraíso perdido, a melancolia de ser e de não ser do toxicômano.

Assim, parcialmente fundido e parcialmente autônomo, o toxicômano é em parte psicótico, em parte perverso, em parte "normal" etc.

No entanto, ainda sobre esta ruptura essencial, Olievenstein (1983) afirma que ela é algo que se dá no sistema mãe-bebê, quando esse e seu lugar na economia libidinal não funcionam ou funcionam parcialmente. Para que haja a ruptura é necessário que tenham ocorrido choques anteriores. A mãe recebe esses e os reflete ao bebê. É a manutenção deste movimento que contribui para a fragilidade do ego do toxicômano.

As causas desta ruptura são múltiplas, porém, provavelmente, não seriam suficientes se a personalidade da mãe (e também, embora de outro modo, a do pai) não fosse da maneira que é.

A criança não é vivida pela mãe como estando em seu lugar (de criança), ou seja, ela (a criança) vive em um lugar que não lhe pertence, e ao tentar reivindicá-lo, tal movimento só remeteria à não-identidade.

É neste movimento relacional que o pai está situado. Ele só intervém de modo negativo e quando assume alguma posição, o não-dito da tradição oral familiar o mostra como impotente.

Todo esse processo se dá de modo dinâmico sob uma instauração temporal progressiva, que é periodicamente reativada e atualizada no período da adolescência pela crise da puberdade, pela relação com a lei e pela conotação social da transgressão.

A identidade do toxicômano é facetada e fragmentada remetendo-se a inúmeras patologias.

Mesmo sendo um processo dinâmico, o fundamental movimento é a "instantaneidade da simultaneidade: o espelho se constitui e se quebra" (Olievenstein, 1983, p. 19). É essa impossibilidade do "statu quo", de ser naquele determinado momento, o qual ele se ressentirá constantemente, que a originalidade do sujeito é constituída.

Esse impossível "statu quo" situa-se em três níveis, segundo Olievenstein (1983):

- nível da interioridade, no qual conflitos insolúveis se acumulam e os motivos de ser das pulsões, sem poderem ser encontradas, oscilam entre agressividade e violência dirigidas para o outro e redirigidas contra si mesmo, como objeto de amor que não o é;
- nível da relação, no qual o sentimento do "já quase" e do "nunca mais" explica a demanda do "tudo imediatamente, agora" que compõe o sujeito;
- nível da lei, referência incapaz de apaziguar a angústia do toxicômano, tal é a sua necessidade de ir ao outro lado do espelho em busca de algo oculto de um ego apenas vislumbrado.

Assim, o gesto de injeção da droga na veia, no plano simbólico, pode ser comparado à tentativa de introjeção desta quebra para refazer um todo perdido.

Ao mesmo tempo, considerando as características da droga, entende-se que, no plano real, o sujeito encontrou o paraíso, isto é, a unidade, a revelação incomparável do primeiro *flash*.

Tal encontro é um importante aspecto da manutenção da toxicomania, reforçado pelos fenômenos da memória, trazendo à tona a lembrança do prazer experimentado.

Ao lado da noção de espelho partido, o toxicômano, como fundamental hipótese, terá como traço mnêmico privilegiado, essa pré-instantaneidade, momento anterior à quebra. Após tal momento haveria o encontro com as leis e a organização da relação com o outro.

Em relação à quebra, imerso em um tempo consciente e inconsciente, o sujeito anula a mesma ao tentar reviver a posição infantil. Será possível vê-lo como mais perverso, revivendo momentos infantis de felicidade que conheceu. A criança perversa polimorfa alucina a realidade através do jogo, de modo que possa anulá-la no momento em que o faz. Buscando a anulação da realidade, o toxicômano vai reviver tais momentos.

A droga assumirá essa função de alucinar o real. Ela preenche as fendas do espelho partido, anulando o real, que é fonte de angústia, fazendo com que o sujeito busque o auge da unidade e se reencontre com o lactente. A droga assume o lugar da quebra, anulando-a no exato momento em que o faz.

Neste momento, o crucial é a instantaneidade, pouco importa o tempo real. O tempo vivido é o tempo do "reconhecimento-desconhecimento", a perda da identidade.

A partir disso, um novo sistema auto-organizador surge com propriedades específicas. Este é denominado Estágio do Exagero por Olievenstein (1983).

Estágio do Exagero

O exagero se inicia a partir do momento da quebra. Com seus pedaços dispersos de espelho, o sujeito tenta constituir um ego e uma personalidade, explorando as dimensões de sua dispersão, sendo que cada uma delas o remete a sua incompletude, pois todas são necessárias, porém nenhuma é suficiente.

Diante da falta, ele só possui a sua disposição o prazer e o jogo. A insuportável realidade será incessantemente alucinada, não havendo distinção entre realidade e fantasia. A revelação do oculto só é possível através da droga, "porta-voz literal da identidade reencontrada por um momento" (Olievenstein, 1983, p. 24). A quebra do espelho é insensata, pois caso não fosse anulada o levaria à loucura.

O insensato o compele ao exagero, pois sua memória remete o sujeito apenas a um bloqueio, ao estado primitivo de auto-organização vigente até o momento anterior à quebra. O próprio excesso dessa conduz o excesso da reação e das tentativas de organização. Isso se dá através de uma voluntária consciência mobilizada, pois o desvelamento do inconsciente está parcialmente paralisado.

Quando a alucinação torna-se impossível, devido ao peso da ordem, da lei e da relação, o sujeito procura desesperadamente encontrá-la, vivendo na e através da droga seus efeitos mais intensificados.

Devido a sua idade e a situação, o discurso não pode ser utilizado e de nada serviria para a criança, pois o que ela está vivendo situa-se ao nível do inapreensível, embora esteja intensamente vivo no psiquismo.

O jogo tem uma função lúdica, porém nesta conjuntura a função do brincar é coercitiva, tudo se transforma em jogo. Brinca-se com o que não é passível de brincadeira para o outro: com o afeto (sentimento) e com a lei (seus representantes e

suas representações). Há uma desproporção entre a realidade (fantasia) que o sujeito vivencia e a que os outros, envolvidos nela, percebem.

Como toda e qualquer criança, o futuro toxicômano também possui uma relação privilegiada com seu corpo. E essa também será uma relação exagerada. O corpo como fonte de prazer será uma fundamental descoberta. A criança que nada é, nada tem, para quem o real é inapreensível e para quem uma identificação parental jamais será inteiramente possível, descobre um corpo do qual pode obter prazer quando e como desejar. À procura de uma repetição impossível, ela encontra a possibilidade de repetição do prazer.

Assim, a masturbação assume caráter desproporcional em sua repetição e em sua duração no tempo. Com a criação de uma instantaneidade, criação de uma possibilidade de prazer, a criança anula a angústia da não-identidade de ser fragmentada. Movimento esse, que mais tarde, se repetirá com a droga.

Devido às pressões legal e moral, com o tempo, a masturbação será atingida pela vergonha e pela culpa. Com a decadência de seu poder em preencher a falta, o sujeito procurará compulsivamente algo que a substitua, podendo encontrar, então, a droga.

Contudo, é preciso sublinhar que tal dimensão, o tempo vivido e a instantaneidade da masturbação assumem um outro caráter para o futuro toxicômano, assim como, sua relação com o tempo e com os outros. A intensidade das sensações experimentadas é exacerbada. A masturbação é uma verificação da existência do próprio sexo e com uma qualidade de sensações incomparáveis com as experimentadas com um parceiro sexual. Olievenstein compara, ainda, o movimento de vaivém frenético da masturbação com o vaivém do êmbolo da seringa, durante a injeção da droga, e também, com os movimentos de excitação e depressão da psicose maníaco-depressiva, sendo essa mais uma possibilidade de faceta do sujeito.

Neste momento, Olievenstein segue por Rosenfeld, com a noção de psicose maníaco-depressiva, a patologia do exagero, da fuga para um imaginário megalomaníaco que sofre excessivamente quando retorna à realidade vivida como cruel. É essa ciclotimia que o toxicômano vive desde sua infância, exemplificado nos momentos *high* e *down* da experiência com a droga.

Sem a repressão pela aprendizagem da lei, a angústia vivida é tão intensa que o brincar e o se masturbar, são cultivados e mantidos como os únicos modos de ser no

mundo. Sendo que as tentativas de retorno à "normalidade" são permeadas por muita depressão, enquanto os momentos de excitação são armazenados na memória como os únicos que merecem ser vividos. Esses serão buscados incessantemente de maneira voluntária. Se houver um encontro com a droga nesta busca, está criada a toxicomania.

O choque do encontro com a droga cria uma "fissão nuclear" permitindo a toxicomania. Um choque que reconstitui a unidade no prazer, que anula a quebra, uma criança não nascida e imortal para sua mãe. Esse é o novo modelo que rege a construção de um novo sistema modelo auto-organizador, a toxicomania.

A dimensão do tempo e a ansiedade são específicas para o toxicômano. Essa ansiedade é desproporcional, se quer satisfazer tudo imediatamente em uma necessidade absoluta de transgressão, mesmo sabendo que o preço será uma intensa angústia de culpa.

Tal dimensão se liga à noção de tempo na impossibilidade de reprodução de fenômenos anteriores e de uma unidade de síntese essencial a todos os homens. Não há, para o sujeito, uma sucessão entre passado e presente, pois não há um sistema de referências, por isso se fala em dimensão de tempo, dimensão de ansiedade.

Essa impossibilidade de recuperação do tempo vivido o faz compreender, mais do que qualquer outra pessoa, que não se pode controlar o tempo. Ele se depara com a irreduzibilidade da morte.

Para o toxicômano, houve uma conflagração e o tempo continuou a passar. Ele aprende que existe começo e fim, mesmo com as intermináveis tentativas de repetição. A repetição-verificação tenta anular tal aspecto. Com a droga, ele acredita poder anular o tempo, o que é verdadeiro em um instante. A unidade é reencontrada. No entanto, o efeito da droga se esgota e o tempo continua a escoar, ele sabe que haverá a morte, pois ele não se transformou em Deus. Na adolescência, a consciência da morte ocupa um lugar desproporcional, através de uma brincadeira suicida repetitiva. Após a angústia da primeira atuação suicida e da primeira transgressão para o outro lado do espelho, as tentativas de suicídio se repetirão incessantemente, até que se encontre a droga. Não é raro, com o fim do efeito da droga, o suicídio ser uma possibilidade de resolução.

A repetição desmedida, da brincadeira ao suicídio, da masturbação à injeção, é o mecanismo auto-regulador encontrado pelo sujeito para tentar garantir uma finalidade que sempre esteve comprometida.

O futuro toxicômano sente-se injustiçado, pois ele sofreu uma quebra sem ter desejado, não houve procura por essa falta inicial. Ele é um culpado-inocente. Essa culpa-inocência marca sua "imoralidade", que escandaliza os outros diante do lado, aparentemente, voluntário de seu comportamento.

Acontecimentos insignificantes para outras pessoas assumem um status inacreditável para ele. O exagero incide em tudo.

"Cada segundo, cada minuto tem um valor estranho, porquanto desconhecido, e cada ferida minúscula no narcisismo cria devastações insuspeitadas. Ele vive seu tempo como uma repetição de feridas, como uma sucessão de traumas e como uma impossibilidade de fazer com que eles sejam sentidos ou compreendidos por outrem e, antes de mais nada, por sua própria família." (Olievenstein, 1983, p. 32).

A questão é o "espaço" tempo. O toxicômano não consegue construir seu "espaço" libidinal ou seu "espaço" de ego, assim como, apesar de todas as repetidas tentativas, não consegue organizar o tempo em seqüências orientadas para o futuro. O tempo só pode ser anulado pelo prazer ou vivido na angústia existencial. Ele não constrói, nem organiza. Por isso a tentação da suspensão do tempo.

Para ele, o tempo cria a descontinuidade. As rupturas temporais são as repetições da perda de si. É preciso que o tempo deixe de ter importância, permitindo o impossível "statu quo". A alucinação do real no imaginário exerce essa função.

As recordações infantis são intensamente valorizadas, pois em uma sucessão de traumas e da falta, os raros momentos felizes serão buscados incessantemente, na tentativa de preencher a falta. Aspecto esse que é prelúdio da repetição da injeção.

A recordação é um instrumento ativo, assim com o jogo e a masturbação. Ela recarrega o sujeito na sua existência compulsiva, organiza a economia psíquica do sujeito. A suspensão destes instrumentos é desorganizadora, fonte inesgotável de angústia.

Tentando sobreviver à consciência da morte, o sujeito fabrica o imaginário. Os momentos infelizes assumem maior poder sobre os outros momentos felizes. Tal mecanismo existe em todos os homens, porém em maior grau nos "candidatos" à toxicomania. Isso faz com que haja uma maior desproporção entre os momentos *high* e *down* do sujeito.

O paradoxo fundamental do toxicômano se encontra na tentativa contínua de resistir à morte, ao mesmo tempo em que ele a provoca e suscita.

Por fim, Olievenstein, mais uma vez, sublinha a essência contraditória dessa criança "candidata" à toxicomania:

"(...) ela está e não está fundida; é e não é uma; brinca e não pode brincar; reencontra o paraíso e mais dura é a sua queda; anula o tempo, e o tempo vivido lhe é infinitamente cruel. Se toda a verdade não pertence senão ao homem, é difícil ver onde estaria a sua, a dessa criança que só pode duvidar de tudo e de todos, a começar por ela própria enquanto Unidade." (Olievenstein, 1983, p.35).

O paradoxo do toxicômano: fugir da morte em direção à morte

Victor Eduardo Silva Bento, em seu artigo sobre tal essencial paradoxo toxicomaniaco e, influenciado pela perspectiva teórica de Kalina e Klovadoff, afirma que a "experiência de morte" é uma "vivência" frustrante, na qual o sujeito entra em contato com os limites de sua própria existência. O temor à morte é um sentimento natural, assumindo inúmeras expressões de acordo com cada indivíduo, no entanto, algumas delas muito exageradas, "(...) como os sentimentos de completa intolerância à frustração, ao fracasso, à incerteza, às perdas e ao sofrimento" (Bento, 1986, p. 51).

O exagero no temor à morte do toxicômano é uma de suas características essenciais. A fragilidade de seu ego é expressa por essa intolerância à morte e a sua incapacidade de esperar. Tais aspectos correspondem ao componente psicótico das toxicomanias, pois expressam a dificuldade do toxicômano em lidar com a realidade exterior.

A sua intolerância à realidade frustrante cresce proporcionalmente à satisfação encontrada no consumo de drogas, no contato consigo mesmo, quanto mais o sujeito se intoxica, menos ele tolera o mundo. No entanto, no momento em que o organismo se habitua a droga, necessitando de uma sobredose para o gozo, o sentimento de fracasso surge, pois a droga não mais o protege. A droga falhou ao evitar uma nova aparição da morte.

O corpo, na fase pré-adictiva, é sentido pelo sujeito como espaço de incerteza, como local de perigo de morte. Algumas vezes, ele percebe a fragilidade de sua identidade e vivencia intensa angústia ao se deparar com sua insegurança diante das vicissitudes da vida. Ao tentar fugir deste encontro consigo mesmo (fuga da morte), ele

descobre a toxicomania. O corpo é vivenciado como local de absoluto prazer na fase adictiva, no entanto, quando o corpo se habitua à droga, o toxicômano se depara novamente com o perigo de morte. A overdose é um recurso para superar a si mesmo, expressa um desejo de transcendência, de ir além do próprio corpo, não se esgotar nele, nem se definir por ele.

Quando o fenômeno da tolerância se instala, o sujeito é impossibilitado de continuar a se desconhecer como corpo. Há uma percepção subliminar, pré-verbal de que o corpo não suporta mais a intoxicação.

O nascimento, a experiência primitiva de separação da mãe é o drama básico do toxicômano. Ele não quer nascer, não quer se separar da mãe. Ele quer recuperar a simbiose existente na fase intra-uterina, na qual seus desejos eram satisfeitos plenamente e imediatamente, sem vivências frustrantes causadoras de sofrimento.

As vivências de autonomia, de diferenciação, de individualização e de nascimento resultam em sentimentos penosos de autodestruição que dominam o toxicômano. A necessidade de reviver a indiferenciação primitiva torna o corpo alvo de ataques destrutivos. Durante o período fetal não existe um corpo próprio, a mãe e o feto formam um só corpo, através da droga, o sujeito pretende produzir a ilusão de invisibilidade, satisfazendo seu desejo de fusão com a totalidade.

Ao atacar o próprio corpo, fonte de identidade pessoal, limite entre interno e externo, o sujeito pretende libertar-se deste, afirmando sua crença na ausência de limites, na transcendência.

O ataque ao próprio corpo é também um ataque a sua genitora. Na fantasia delirante ao tentar reviver a simbiose intra-uterina, o toxicômano ataca aquela a quem se está fusionado, a mãe. O ataque parece ter duas finalidades: libertar-se do corpo da mãe e castigá-la por ter lhe dado à luz. No entanto, o ataque é, realmente, contra o corpo que rompeu com a simbiose da vida intra-uterina.

O vínculo estabelecido com a droga, ou qualquer outro objeto exterior, é essencialmente narcisista, o toxicômano investe na própria imagem projetada nos objetos. Em uma relação afetiva, o Outro é a "imagem idealizada de um peito provedor" (Bento, 1986, p.52), tendo como fim garantir prazer ao Eu. Enquanto o comportamento do Outro for atender às expectativas do Eu e, as semelhanças entre os dois predominarem, a relação se mantém. No entanto, na medida em que as diferenças,

limitações e impossibilidades de satisfazer o Eu aparecem, este sente-se ferido, pois não admite diferenças, nem tampouco suporta que suas expectativas sejam frustradas. O Eu sente-se, então, não-amado. O amor narcisista é sinônimo de receber prazer, não há troca. Sem prazer, não há amor. A presença do Outro limita sua voracidade de existir inifinitamente. A libido narcísica não busca o Outro.

O toxicômano não se interessa por relações objetais. Seu interesse é em conseguir sua gratificação. Os objetos são fontes de prazer. O amor pode ser compreendido como uma forma utilitária, enquanto estiver sendo usado, o sujeito tem a sensação de ser amado. Tal aspecto pode ser comparado à orientação oral do bebê, deseja gratificação, porém sem capacidade pra dar-se e sem considerar a realidade externa. Esse seria o componente maníaco-depressivo das toxicomanias.

“O ser humano é incompleto: sempre lhe faltará algo. A insaciedade dos investimentos narcísicos reflete a crença na possibilidade de obturar o vazio; a negação do nascimento; a busca da unidade perdida no momento do nascimento biológico, da completude, da simbiose com objeto materno e, em última análise, do prazer cada vez maior o tempo todo. Tais investimentos não admitem nenhum limite, nem qualquer separação. As diferenças não são suportadas justamente porque limitam o desejo infantil que quer se expressar em sua plena onipotência, e também porque implicam uma separação entre o Eu e o Outro, que só aparecem como existências distintas, separadas, a partir de suas diferenças.” (Bento, 1986, p.53).

Narciso é aquele que busca no Outro a unidade simbiótica Eu-provedor. Isso o aliena, o faz perder-se de si. A angústia reside no fato de buscar o próprio centro fora de si, no outro. A paixão narcísica leva o toxicômano à morte. Tal paixão é homicida e suicida. A voracidade do desejo infantil, que devora o Outro, caracteriza o homicídio. No entanto, a existência infantil é vinculada ao Outro, a morte leva à morte do Eu. “Sem provedor, não há simbiose; sem simbiose, não há Eu infantil” (Bento, 1986, p.53).

Entretanto, o amor narcísico não tem intenção homicida ou suicida, ele desejava apenas amar-se, seus fins não são destrutivos. A destrutividade é conseqüência de sua voracidade afetiva. Ao não aceitar a morte do funcionamento infantil, o adicto acaba morrendo. O toxicômano morre para fugir da morte.

Ele também se mata por medo da morte. A toxicomania evolui, as doses aumentam e resultam em uma intensa desintegração corporal e psíquica. Neste momento, a morte não é mais uma ameaça, mas um perigo real. O organismo não acompanha mais o indivíduo na busca pelo prazer tóxico. A morte aparece, então, como alternativa para o fim da angústia, da incerteza, da frustração. O suicídio é recurso para acabar com o

sofrimento. O toxicômano percebe, então, que durante toda a vida se preparou para a morte.

É possível compreender a morte como um desejo de crescimento. Elaborar a vivência de morte significa, sob uma perspectiva psicológica, aceitar o rompimento da relação simbiótica com a mãe. No entanto, para tal elaboração é necessário um processo reflexivo, no qual vivências e sentimentos ligados à morte sejam verbalizados. Porém, o sujeito não consegue fazê-lo, sua tendência é atuar, o que se constitui o aspecto perverso das toxicomanias. Por meio do suicídio, o toxicômano atua a morte. Dentro de suas limitações, ele se esforça para crescer e, tenta lidar com a morte por meio de seu recurso, a atuação.

Conduta ordálica

A presença do risco e a consciência deste constituem um aspecto importante da conduta toxicomaniaca. Sob uma perspectiva sociológica, podemos entender a toxicomania como um comportamento de sacrifício, um tipo de suicídio social de um grupo que se designa como bode expiatório. Sob uma perspectiva individual, a realidade do risco somada à realidade do prazer da droga, resulta em uma complexa vivência denominada fantasma ordálico: submeter-se a uma potência exterior e absoluta (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 92). Tal fantasma se aproxima de comportamentos de "correr risco", comportamentos denominados de condutas ordálicas.

Inúmeros autores sublinharam o aspecto autodestrutivo da toxicomania. A partir de observações colhidas no Centro Marmottan, Barconnier e Olievenstein chegaram à conclusão de que, ao contrário de ser um equivalente ao suicídio, a droga permite que o toxicômano viva. Sem a droga, a saída é o suicídio. Charles-Nicholas e Valleur, colaboradores de Marmottan, escreveram sobre as condutas ordálicas.

Tal aspecto enuncia uma função da toxicomania: "satisfazer a necessidade de experimentar a morte para poder viver. Não mais podendo experimentar a morte, eles morrem" (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 90).

Na Europa até o século XVIII recorria-se à ordália, procedimento que não permitia dúvidas: condenava à morte ou apontava aquele que estava ao lado de Deus. Seu julgamento distinguia o bem do mal em uma decisão que transcendia a justiça humana.

Em todas as ordálias¹, a decisão dependia de um sobrenatural fundamento (o enunciado de Deus) e de uma expressão natural (a água e o fogo eram os intermediários de Deus).

Na ordália percebe-se a necessidade de um signo que assume significado em relação a uma resposta exterior a ele, em um mundo regido por forças além de seu alcance e do qual se deseja experimentar o terror e a proteção (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 94).

A ordália julga o valor intrínseco do sujeito, legitimando sua qualidade de homem ou lhe conferindo uma parcela de qualidade divina. Aquele que é bem sucedido nesta prova obtém uma nova vida, na qual ele é o eleito de Deus.¹

Esse renascimento através de provas mortais aproxima a ordália da iniciação. Nela, o sujeito morre e renasce para uma nova vida.

Charles-Nicholas e Valleur (1983) ligam as condutas ordálicas a ordália por três pontos:

- a prova aponta aquele que deve triunfar em uma escolha proferida por um poder sobrenatural onipotente;
- o foco do julgamento é o sujeito, colocando-o em uma situação de solidão perante seu destino;
- existe uma situação de risco, risco de morte.

Esses três pontos fundamentam as condutas ordálicas.

Segundo Charles-Nicholas e Valleur (1983), na ausência de ritos institucionalizados válidos, os adolescentes recorrem a formas de iniciação próximas da ordália, impondo a si mesmos provas, desafios e experiências de risco, desde o primeiro "baseado" até uma tentativa de suicídio aparentemente inexplicável ou "acidental".

¹ Na Europa, a ordália era utilizada nas questões de bruxaria. Na África, o poder sobrenatural age sobre o corpo, o sujeito ingere algo e a partir de um processo fisiológico se obtém o resultado da ordália, o culpado não vomita o que foi ingerido, enquanto o inocente vomita, exercendo também uma função exorcista. Entre alguns povos na Ásia e alguns povos indígenas da América e da África, a ordália possui um caráter de batismo, iniciação, o resultado favorável tem valor de purificação.

“Portanto, podemos definir a conduta ordálica como a repetição de uma prova que envolve um risco mortal, na qual o sujeito se empenha a fim de provar, para sua sobrevivência, seu valor intrínseco, assim reconhecido pelos poderes transcendentais do Destino” (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 95).

Tal conduta se define como necessidade e busca de regeneração. Enquanto na ordália, o soberano apelava para o julgamento de Deus, no comportamento ordálico, é o próprio sujeito que toma a iniciativa. Diferente da ordália, tal comportamento implica a necessidade de repetição. O toxicômano necessita de algum modo, comprovar que está “garantido”. Para continuar a viver, ele exige sinais exteriores de sua riqueza interior, seu valor intrínseco.

Esta ordália privada é solitária e se remete a uma onipotência narcísica. É um jogo com a morte, uma cartada final ou uma roleta russa. No entanto, é possível ver aí um pedido de ajuda.

Essa tentativa de domínio do corpo e das pulsões tenderia a um estado de nirvana ou orgasmo permanente, em uma vivência sem objeto.

A toxicomania seria, além da repetição da necessidade, uma tentativa de dominar o primeiro encontro com a droga, o *flash*. Esse é o fantasma de gozar consigo mesmo, no interior de si mesmo, e de nascer desse gozo. Tal vivência narcísica conduz o sujeito à repetição e à tentativa de controle deste estado e das próprias funções vitais.

A tentativa de controle não seria apenas do encontro como gozo, o *flash*, mas também do encontro com o risco de morte, a sobrevivência e o destino. “E talvez, o ritmo do prazer e da falta dê lugar a uma sucessão de ‘mortes’ e sobrevivências miraculosas” (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 98).

O jogo

A consciência do risco para o toxicômano é como a paixão de um verdadeiro jogador, que não joga para ganhar, joga para arriscar-se a perder tudo (Charles-Nicholas e Valleur, 1983, p. 98).

Através da ordália o sujeito quer provar-se um homem “comum” ou um super-homem. Ele necessita desta ratificação transcendental para ser quem é, para sentir-se

autorizado a viver. Ele joga com a morte para renascer, para se refazer, procurando convencer-se de sua imortalidade.

O toxicômano espera que seu comportamento de risco seja sempre o último. A última chance de ser o eleito de Deus em uma solitária iniciação, na qual para renascer é preciso arriscar a morte, acreditando na sua imortalidade.

Sem regras, o sujeito coloca em risco sua existência, buscando uma recriação narcísica. O mundo externo é investido apenas de uma imagem do destino, entidade universal e onipotente com a qual ele tenta fundir-se. É o fantasma de uma regressão ao mundo intra-uterino, em um apelo a uma mãe onipotente, uma imagem arcaica indiferenciada.

A necessidade de controlar seu destino, de separar-se, esbarra na impossibilidade de conceber-se apenas como parte de um todo. O toxicômano tenta viver uma separação impossível de ser vivida.

Para os toxicômanos, a vida é mais interessante quando se pode arriscar a própria vida. O jogo e o risco, em seu funcionamento tudo ou nada, remetem à sensação, ainda possível, de ruptura, de fim da repetição.

IV - Relato de *Trainspotting*

"Escolha uma vida. Escolha um emprego. Escolha uma carreira. Escolha uma família. Escolha uma televisão grande. Escolha máquinas de lavar, carros, CD players e um abridor de lata elétrico. Escolha saúde, colesterol baixo e seguro dentário. Escolha prestações fixas a pagar. Escolha uma casa. Escolha seus amigos. Escolha roupas e acessórios. Escolha um terno feito de melhor tecido. Escolha se masturbar domingo de manhã pensando na vida. Escolha sentar no sofá e ficar vendo televisão comendo um monte de porcarias. Escolha uma família e se envergonhar dos filhos egoístas que pôs no mundo para substituí-lo. Escolha um futuro. Escolha uma vida."

Este é o início de *Trainspotting*. O relato de Mark Renton sobre inúmeras alternativas das quais devemos escolher algumas para viver em sociedade, desde um tipo de vida até seguro odontológico. Ao final de seu relato, ele faz sua escolha: não escolher. E por quais motivos? Ele mesmo nos responde: não se precisa de motivos quando se tem heroína. É neste momento que começamos a mergulhar com Mark e seus amigos no oceano turbulento da toxicomania.

Trainspotting relata a história de cinco amigos e o seu envolvimento com as drogas, principalmente a heroína. No subúrbio de Edimburgo, Escócia, Mark Renton e seus amigos, Sick Boy, Spud, Begbie e Tommy, vivenciam a montanha russa da toxicomania, desde a extrema dependência da heroína até a sua desintoxicação.

Quem nos guia nessa montanha russa é Mark que, através de seu próprio discurso repleto de reflexões, indagações e questionamentos, nos conta sua história e a de seus amigos.

Dentre os cinco amigos, a princípio dois não fazem uso de drogas ilícitas, Begbie e Tommy. No entanto, Begbie consome álcool assim como todos os outros e possui comportamentos extremamente agressivos. Como Mark nos conta, Begbie é um "louco": *"Begbie não usava drogas, só as pessoas. Era isso que curtia: seu próprio vício sensorial"*. Enquanto Tommy, também descrito por Mark como uma pessoa que sempre fala a verdade, nunca usou drogas e nunca brigou com alguém. Sendo essas *"suas principais fraquezas"*, ainda segundo Mark. Entretanto, ao longo do filme, Tommy também se entregará à heroína.

O trio de junkies que nos guia nessa montanha russa é Mark, Sick Boy e Spud. Sobre Sick Boy, sabemos que além de heroinômano, ele sabe tudo sobre os filmes de

James Bond, adora o Sean Connery e cria teorias sobre as vicissitudes da vida. Pouco se sabe sobre Spud. Ele nos parece o mais tranqüilo do grupo, porém não menos viciado que os outros. E temos ainda, a presença da "madre superiora", Swanney, que é chamado assim porque sabe muito sobre drogas e os orienta nos inúmeros momentos de uso da heroína.

"As pessoas acham que tem a ver com desespero, morte, miséria (o que não se pode negar), mas elas esquecem que há prazer nisto. Caso contrário, não faríamos, afinal não somos estúpidos. Pelo menos, nem tanto. Imagine o melhor orgasmo que você já teve, multiplique por mil e não conseguirá comparar. Quando se é viciado só se pensa nisto. E quando não é você é obrigado a pensar um monte de outras coisas. Se não tem grana, não pode fazer nada. Se tem, bebe demais. Se não tem namorada, não trepa. Se tem, é um pé no saco. Tem de se preocupar com comida, contas, com seu time que nunca vence, com relações humanas e todas essas coisas que não interessam quando é viciado."

"O único inconveniente ou, digamos, o maior é ter de agüentar ouvir:
- *'Nunca vou me envenenar com isto, este monte de químicos, nunca!'*
(Begbie);
- *'É falta de amor à vida se envenenar com estas porcarias.'* (Tommy);
- *'Você desperdiçou todas as chances que teve, filho, ficar tomando essas porcarias.'* (pai de Mark).

De vez em quando até eu dizia essas coisas."

E é após essa reflexão que Mark decide abandonar, pela primeira vez no filme, a heroína. No entanto, tal tarefa não é tão simples, mas Mark nos diz o que é necessário para executá-la.

"Abandonar as drogas. 1º Fase: preparar-se. Para isso é preciso se trancar em um quarto. Música suave, dez latas de sopa de tomate, oito latas de sopa de champignon para serem servidas frias. Um sorvete de baunilha. Um vidro de leite de magnésio. Anti-séptico bucal, vitaminas, água mineral, isotônico, pornografia, um colchão, um balde para xixi, um para coco e outro para vomitar, uma TV e um vidro de Valium que eu peguei da minha mãe, que é ao seu modo, socialmente aceita uma viciada em drogas. Está pronto. Basta a última dose para aliviar a dor enquanto o Valium faz efeito."

Antes da desintoxicação Mark sai em busca de sua última dose. Entretanto, a única coisa que consegue são dois supositórios de ópio, os quais acaba usando.

Um dos efeitos físicos da heroína é a constipação intestinal, porém com a interrupção do uso, Mark não estava mais constipado. E é isso que o leva a conhecer “o pior banheiro da Escócia”. É num cenário grotesco e fétido que vemos Mark alucinar. Ele deixa os supositórios de ópio caírem dentro do vaso sanitário e, sem hesitar, ele enfia a mão lá dentro em busca deles. No entanto, ele não os encontra, vemos, então, num misto de alucinação e delírio, Mark enfiar o braço, depois a cabeça e, gradualmente, mergulhar no vaso sanitário. Neste momento, o cenário é um límpido fundo do mar, no qual os supositórios brilham como duas pérolas entre pedras que são resgatadas por ele. Molhado, ele deixa o lugar e retorna ao seu quarto para sua desintoxicação.

Desintoxicados, os três amigos, Mark, Sick Boy e Spud tentam ter uma vida comum. Um dos aspectos desagradáveis disto, segundo Mark, é ter de suportar as pessoas sem alterações no seu estado de consciência, ou seja, careta.

“O lado chato é ter de andar com os antigos amigos, e ainda por cima, careta. Foi horrível: eles lembravam tanto eu mesmo que não suportava olhá-los. Sick Boy sai das drogas na mesma época que eu, não porque queria, mas só pra me encher o saco. Pra mostrar que é fácil e degradar o meu esforço. Um babaca, não é mesmo? Eu só queria ficar sozinho e sentir pena de mim mesmo e ele insistia em repetir sua teoria sobre a vida.”

Outro aspecto da vida comum que é retomado por eles é a necessidade de se ter um emprego. Mark e Spud saem em busca de um. Porém, Spud revela sua dificuldade em se comportar neste tipo de situação. Mark, então, lhe oferece anfetamina para que ele se sinta melhor na entrevista para o emprego. Spud sob o efeito da droga vai à entrevista, mas, não consegue o emprego.

Neste momento, no filme, conhecemos Begbie e Tommy. Eles, os três amigos, Allison e as amigas Gail e Lizzy (namorada de Tommy) estão em um *pub* bebendo enquanto ouvem uma história contada por Begbie. No entanto, mais tarde, Tommy conta para Mark a mesma história, porém como ela realmente teria acontecido. É nesta ocasião que Mark furta uma fita de vídeo de Tommy, na qual estava gravada uma relação sexual

dele e de sua namorada. E é assistindo a essa fita que ele percebe que algo importante estava faltando em sua vida: sexo.

"Heróína acaba com o seu tesão. Mas estava voltando com tudo. E como a impotência já não era um problema, o desespero se apossou de seu lado sexual. Sua libido preenchida de álcool e anfetamina o escarnecia sem remorso, com seu próprio desejo não realizado etc etc..."

Em uma boate, os cinco amigos se divertem. Tommy e Spud conversam enquanto esperam por Lizzy e Gail, que estavam fofocando no banheiro e, Begbie e Sick Boy flertam com algumas mulheres. É neste lugar que Mark conhece Diane, uma garota de apenas 14 anos. Ele a avista enquanto ela dá o fora em um cara e deixa o lugar. Encantado pelo modo como ela age, a segue até o lado de fora, onde conversam, pegam um táxi e vão para a casa de Diane. Lá, eles fazem sexo, enquanto Gail tenta fazer o mesmo com Spud, porém sem sucesso, pois ele estava muito bêbado. Já Tommy e Lizzy discutem sobre a fita, na qual estava gravada uma de suas relações sexuais. Tommy acha que a devolveu por engano na locadora de vídeos e Lizzy enlouquece ao saber disso.

No dia seguinte, Mark acorda na casa de Diane e vai até a sala e encontra um casal e, se surpreende ao saber que eles são os pais de Diane, que aparece com o uniforme do colégio. Mark fica, então, sabendo que a garota tem apenas 14 anos. Ele a acompanha até a porta do colégio e diz que não irá mais vê-la, pois ela é muito nova e ele poderia ser preso. Entretanto, Diane o ameaça, dizendo que se ele não voltar a vê-la, ela irá denunciá-lo a polícia.

Na casa de Gail, Spud acorda e percebe que havia defecado em si mesmo. Ele se levanta, retira os lençóis da cama e, quando está saindo em direção à lavanderia encontra Gail e seus pais à mesa tomando café da manhã. Todos o cumprimentam e Spud conta que teve um pequeno acidente, pois havia bebido demais. O pai de Gail o conforta dizendo que essas coisas acontecem. A mãe de Gail se oferece para lavá-los, porém Spud insiste em levá-los até a lavanderia. Os dois, então, iniciam uma disputa pelo lençol, cada um puxando de um lado, porém a mãe de Gail puxa com mais força e o lençol se abre, voando fezes por todo o ambiente, sujando todos exceto Spud.

Mark, Sick Boy, Spud e Tommy tomam um trem e descem em um campo. Tommy estava decidido a fazer uma caminhada pelo extenso campo, porém seus amigos

permanecem na plataforma do trem, até que começam a discutir. Mark exaltado grita com os amigos:

"É uma merda ser escocês. Somos a escória, a escória da Terra, os mais miseráveis e idiotas escravos que já existiram na civilização. Tem gente que odeia os ingleses. Eu Não! São apenas babacas. Nem conseguimos ser colonizados por um povo decente. Um bando de idiotas mandam em nós. É uma merda completa, Tommy. E todo o ar puro do mundo não mudará isto."

E depois nos conta:

"Neste momento, ou mais ou menos nele, tomamos uma decisão democrática de voltar à heroína. Foram umas 12 horas.

Isto parece fácil, mas não é. Parece uma opção mais fácil, mas viver assim é algo que consome seu tempo."

E assim, os três amigos, Mark, Sick Boy e Spud retornam à condição de heroinômanos, desta vez, acompanhados por Tommy, que vivia um momento difícil com o fim do seu relacionamento com Lizzy.

Em um dos inúmeros momentos em que estão se drogando na casa de Swanney, a "madre superiora", Sick Boy relata suas teorias, uma delas sobre heroína:

"Personalidade... é isto que conta. Personalidade é o que mantém uma relação na vida. Como a heroína. Quero dizer, heroína tem personalidade."

Mergulhados neste oceano toxicômano, Mark, Sick Boy e Spud consomem de tudo, absolutamente tudo que pudesse causar qualquer alteração de consciência.

"Swanney nos ensinou a amar o sistema de saúde do país. Afinal, era nossa fonte. Roubávamos drogas, comprávamos, vendíamos, fazíamos cópias de receitas médicas ou negociávamos drogas com vítimas de câncer, alcoólatras, aposentados, aidéticos, epiléticos ou donas de casa entediadas. Era morfina, diamorfina, ciclozina, codeína, temazepam, nitrazepam, fenobarbitona, dextropropoxifeno, metadona, nalbufina, petidina, pentazonina, bupremorfina, dextromoramida, clometizola. Há

drogas por toda a parte, pra infelizes e doentes. E a gente tomava, se vitamina C fosse proibida, a gente tomaria."

No entanto, todos que freqüentavam a casa de Swanney: Mark, Sick Boy, Spud e Gail são surpreendidos pela morte do filho de Gail. Um bebê cujo pai ninguém sabia quem era até o momento de sua morte.

"Agora sabíamos quem era o pai. Não só o bebê morreu aquele dia. Sick Boy nunca mais foi o mesmo. Ele não tinha nenhuma teoria para aquilo, nem eu. Nossa reação foi continuar fodendo com tudo. Desgraça sobre desgraça. Jogar na colher, dissolver, depois enfiar numa veia purulenta e começa tudo de novo. Continuar roubando, assaltando, ferrando os outros! Caminhando pro dia em que a gente ia se ferrar. Pois não importa o quanto tenha ou roube, nunca tem o bastante. Não importa quantas vezes rouba ou ferre alguém nunca fica satisfeito. Um dia... isto acaba acontecendo."

Para sustentar a dependência, os três amigos cometem inúmeros delitos e em um desses Mark e Spud acabam sendo pegos, presos e indo a julgamento. Mark é absolvido com a condição de que freqüente o programa de reabilitação para dependentes químicos do Estado, enquanto Spud é condenado a seis meses de regime fechado.

Em um pub, Mark, seus pais e seus amigos comemoram sua absolvição até que a mãe de Spud chega e é ofendida por Bebgie, que a culpa pela condição de seu filho. Mark, então, fala como se sente neste momento:

"Queria estar no lugar de Spud. Aqui estava cercado pela família e os tais amigos. Nunca na vida me senti tão sozinho. Tive de entrar no tal programa para viciados de Estado. Três doses de metadona por dia no lugar da heroína. Mas não basta. E, no momento, eu quero mais. Tomei três doses esta manhã, e a próxima será daqui a 18 horas. O suor não pára nunca. Preciso visitar a madre superiora pra tomar uma. Só uma... pra ajudar esse longo dia a passar."

Na casa de Swanney, Mark reencontra a heroína, porém, desta vez, uma overdose de heroína. Swanney o arrasta até a rua, onde o coloca em um táxi, que o deixa no pronto socorro de algum hospital, no qual é salvo.

Os pais de Mark vão buscá-lo e decidem que o melhor para seu filho é trancá-lo em seu quarto para que se desintoxique, sem qualquer medicação que aplaque os sintomas da abstinência.

Em meio à inexorável crise de abstinência, Mark têm delírios e alucinações que o perturbam, inquietação e sentimentos de culpa e medo que o consomem.

Desintoxicado e sem consumir heroína, Mark faz um exame de sangue para HIV e tenta ter uma vida de cidadão comum.

"Parece mesmo que tenho muita sorte. Anos tomando pico em plena epidemia, cercado por viciados. Mas eu sou soro negativo. Fiz o teste. E, assim que a dor passar, começa o a verdadeira luta. Depressão, tédio. Sente-se tão mal, que se quer morrer."

Ele reencontra Tommy, que está totalmente viciado em heroína, e Diane, que o visita. Neste encontro, os dois fumam haxixe e Diane o incentiva a mudar de vida.

Seguindo os conselhos de Diane, Mark se muda para Londres, onde começa a trabalhar como corretor imobiliário.

"Consegui um lugar razoável e fiquei na minha. Às vezes, pensava nos amigos, mas não sentia saudades. Afinal, estava numa cidade onde qualquer idiota podia ganhar grana. Eu gostava daquilo tudo. Lucros, perdas, margens, encargos, empréstimos, locações, sublocações, subdivisões, negócios, fraudes, rompimentos, Não havia convívio social e mesmo que houvesse estava fora. Pela primeira vez na vida, eu estava quase satisfeito."

Mark leva uma vida comum em Londres até a chegada de Begbie, que precisava de um lugar para se esconder, pois fugia da polícia por roubo. Assim, Begbie entra em sua vida e a faz um inferno. Com o tempo, quem também reaparece é Sick Boy. E assim, ambos colocam em xeque a nova vida de Mark.

Entretanto, o reencontro final dos amigos acontece na Escócia. Quando os três retornam, reencontram Spud devido à morte de Tommy. Esse morre de toxoplasmose transmitida por um gato que ele havia comprado para a ex-namorada Lizzy. Ela não

havia aceitado o gato e Tommy teve de ficar com ele. Sem cuidar do animal, seu apartamento ficou imundo e ele se infectou com a doença através das fezes do gato.

Após o funeral, os quatro amigos conversam na casa de Swanney até que Sick Boy e Begbie sugerem um plano para todos ganharem dinheiro. Comprar quatro quilos de heroína por um baixo preço e revendê-los em Londres. No entanto, o plano só seria possível com ajuda monetária de Mark, pois ainda faltavam duas mil libras para comprar a droga. Renton concorda com o plano e todos vão comprar a droga.

No local, é necessário que alguém experimente a heroína para saber se é de boa qualidade. Entretanto, Begbie não ousaria fazê-lo, Sick Boy não quer arriscar, pois estava "limpo" e Begbie não confia o suficiente em Spud. Assim, resta a Mark provar a droga.

Com uma droga de ótima qualidade, os quatro se dirigem para Londres. No caminho todos estão tensos, principalmente Begbie. Ele já tinha uma extensa lista de crimes e poderia arriscar muito. Ainda a caminho de Londres, no ônibus, Mark toma sua última dose de heroína.

Chegando a Londres, eles vão a um hotel encontrar um possível comprador para a droga. Lá um junkie experimenta a droga e confirma sua boa qualidade, concluindo, assim, o negócio.

"E, por um momento, foi ótimo. Como se fossemos unidos, e o momento, muito importante. Um momento assim pode tocá-lo a fundo, mas, não dura tanto quanto 16 mil libras."

Os amigos deixam um hotel e se dirigem a um *pub* comemorar. Lá eles conversam sobre o que cada um fará com a sua parte do dinheiro. E por um momento, em que Begbie se levanta para pegar mais cerveja e Sick Boy deixa a mesa para ir ao banheiro, Renton cogita a possibilidade de fugir com o dinheiro, mas Spud recusa a idéia. Ao voltar com as cervejas Begbie esbarra em um homem, derrubando a cerveja. Ele culpa o homem e, mesmo esse pedindo desculpa, Begbie se irrita e o acusa, começando uma discussão. Begbie inicia uma briga, batendo no homem. Ao tentar apartar a briga, Spud tem sua mão cortada por um pedaço de vidro por Begbie. Enquanto tudo isso acontece, Mark permanece estático olhando a cena. Begbie, então, apenas ordena que Mark lhe traga um cigarro e a bolsa com o dinheiro para que todos deixem o local.

Em um quarto de hotel, os quatro amigos dormem até que Mark acorda, se levanta, vai ao banheiro, se olha no espelho, toma um copo de água e retorna ao quarto. Ele retira cuidadosamente a bolsa com o dinheiro dos braços de Begbie e percebe que Spud está acordado observando-o. Mark pega a bolsa e olha para Spud que apenas acena "não" com a cabeça e deixa o quarto.

Mark vai a um armário de algum lugar público retira seu passaporte e deixa um malote de dinheiro pra Spud, o único de seus amigos que não "*faz mal a ninguém*".

Enquanto isto, no hotel, Begbie enlouquece ao perceber que Mark fugiu com o dinheiro. Ele quebra o quarto inteiro, enquanto Spud e Sick Boy o esperam sentados do lado de fora, até que policiais chegam no local e os dois fogem.

E assim, o filme termina com Mark refletindo sobre sua atitude.

"Justifiquei isto a mim de várias formas. Não foi nada, só uma pequena traição. Nós já não éramos tão amigos. Coisas assim. Mas vamos encarar: eu roubei meus amigos. Estava cagando pro Begbie. Sick Boy teria feito o mesmo se tivesse pensado antes. Só sentia pena do Spud. Ele nunca fez mal a ninguém. Por que fiz isto? Teria varias respostas, todas mentirosas. A verdade é que sou mau. Mas isto vai mudar. Eu vou mudar. Esta foi a última vez. Agora vou entrar na linha e seguir em frente. Vou viver. Já estou ansioso. Vou ser como você. Terei trabalho, família, televisão, maquina de lavar, carro, um CD player, abridor de lata elétrico, seguro dentário, prestações, casa, roupas esportivas, malas, um bom terno, vou ver televisão comendo porcarias, filhos, passear no parque, jogar golfe, lavar o carro, ter vários casacos, Natal em família, isenção de impostos... Viver, esperando o dia de morrer!"

V - Análise de *Trainspotting*

Trainspotting inicia-se ponderando as escolhas que fazemos na vida, isso quando optamos pela vida. No entanto, Mark logo nos diz qual foi a sua escolha. Mark escolhe não escolher. E por que o faria se ele tem a heroína? Por que a heroína é a não escolha?

Sabemos que a toxicomania é o encontro de um sujeito (com suas características de personalidade e sua singularidade biológica) com uma substância psicoativa (com suas propriedades farmacológicas específicas) em um determinado contexto sócio-cultural. Porém, o que Mark torna evidente é o que é produzido neste encontro: a instantaneidade, o *flash*. Ele mesmo nos conta o que a sociedade e as inúmeras ciências menosprezam quando se fala de toxicomania. Ele nos fala sobre o prazer que inicialmente é produzido neste encontro. Em uma comparação com o orgasmo, ápice do prazer no sujeito neurótico, ele justifica sua toxicomania, nos mostrando o quanto este encontro com a droga inunda a sua vida, longe de ser uma não-escolha, o sujeito, de algum modo, escolhe a heroína pra poder viver. A vida sem a heroína é a morte para ele. As pequenas frustrações cotidianas, a necessidade de estabelecer uma relação com outro, admitir que o outro também é um sujeito, são vivenciadas de modo exagerado pelo sujeito toxicômano. Suportar o cotidiano é uma experiência de muita angústia, enquanto estabelecer uma relação com a heroína é uma experiência de prazer. Prazer este que tenta ser resgatado pelo sujeito a todo tempo, a qualquer custo, desde sua infância.

Entretanto, em determinados momentos, Mark escolhe se desintoxicar. É possível reconhecer nesta decisão que a heroína não preenche totalmente o sujeito, há um resto, há uma falta. Falta que move o sujeito, fazendo-o buscar outra fonte para aplacar seu sofrimento.

Durante o filme, há dois momentos de desintoxicação. O primeiro deles, acontece de modo voluntário, é Mark que busca a desintoxicação. Ele reconhece na fala dos amigos e do pai o incomodo dele próprio. Ao admitir que de vez em quando até mesmo ele pensava como os amigos e o pai, Mark se identifica com algum aspecto que vai além da heroína. Aspecto este que a heroína não dá conta.

Antes de se desintoxicar, vemos Mark alucinar. Em busca de uma última dose de heroína, Mark só consegue dois supositórios de ópio. Porém os deixa cair dentro do vaso sanitário, mergulhando dentro dele para resgatá-los. A cena que vemos é Mark nadando em um límpido fundo do mar. Tal cena ilustra o *flash*, o encontro do sujeito com a droga.

O fundo do mar remete a sensação do sujeito de retorno ao útero materno e, por alguns instantes, ele suspende o tempo, sente-se Deus. Porém, a cena seguinte é o retorno ao grotesco e fétido do banheiro ("*o pior banheiro da Escócia*"), ou seja, o retorno à realidade, que é vivida por Mark como o pior lugar para se estar.

Assim como em outros momentos, é possível ver aqui a evidente dualidade entre o prazer e a realidade. A cena que ilustra o *flash* é o melhor lugar para se estar, enquanto a realidade é o pior. Essa é verdade para o toxicômano.

Questões relativas à fase anal também ficam evidentes nestas cenas. Mais do que o controle dos esfíncteres, ela representa a autonomia do bebê. Sem a droga, o sujeito reassume a autonomia de si mesmo. Mark decide pela desintoxicação, deixar a heroína é ter controle sobre seus esfíncteres, sobre si mesmo. Porém, é possível ver mais uma vez a dualidade do sujeito, ao mesmo tempo em que ele reassume sua autonomia, Mark anseia pelo retorno à simbiose materna ao alucinar com o fundo do mar.

Mark nos conta o quanto é difícil para o sujeito desintoxicado suportar a realidade sem a droga. Olhar os antigos amigos e reconhecer neles a si mesmo, um sujeito que não suporta ser.

A procura por emprego é uma tentativa de retornar ao social. Entretanto, mais uma vez, vemos o quão difícil é para o sujeito suportar essa realidade. E, novamente, vemos o uso da droga para isto, quando Mark oferece anfetamina a Spud antes da entrevista para o emprego.

Outro aspecto importante do sujeito que é destacado pelo filme é relativo à questão da sexualidade. Durante a dependência maciça, toda a libido do sujeito é dirigida à droga, desintoxicado, o sexo volta a ser uma fonte de prazer.

A cena da boate ilustra alguns aspectos do comportamento amoroso, sexual. Os casais Tommy e Lizzie e Spud e Gail vivendo os pequenos conflitos cotidianos de um relacionamento amoroso, Begbie e Sick Boy flertando e Mark encantado por Diane. Ela representa mais que somente sexo para Mark, um relacionamento com Diane corresponde a um aspecto que a droga não dá conta.

Nas cenas seguintes temos os três desfechos dos relacionamentos amorosos dos personagens. Mark experimenta o prazer do orgasmo com Diane. Tommy e Lizzy discutem sobre a possível perda de uma fita de vídeo, na qual estava gravada uma de

suas relações sexuais. Sendo essa uma crucial frustração para a futura decisão de experimentar heroína de Tommy. E Spud e Gail tentam fazer sexo, mas a embriaguez de Spud causada pelo álcool não permite.

O que vemos nas cenas seguintes é, mais uma vez, a presença de questões relativas à fase anal. Embriagado, Spud perde o controle esfinteriano e defeca em si mesmo. É evidente a perda da autonomia do sujeito. No entanto, o que também se repete é a alusão à dualidade prazer e realidade. Quando as fezes voam por toda a sala, sujando a todos, exceto Spud, é possível interpretar como a cena familiar é inóspita para o sujeito, mesmo estando desintoxicado. A dicotomia do prazer, da embriaguez pelo álcool, e da realidade, um ideal valorizado socialmente (a família unida tomando café da manhã).

O que temos em seguida é uma alusão direta ao termo *trainspotting*. Este é a união de duas palavras: *train* (trem) e *spotting* (observando). *Trainspotting* significa, literalmente, observar trens, atividade comum entre jovens escoceses. No filme, os quatro amigos descem de um trem e se sentam na plataforma. Enquanto Tommy está decidido a fazer uma caminhada, os outros três amigos, desintoxicados não estão dispostos. O que vemos, então, é o Mark exaltado, gritando sua indignação em ser escocês. Ao se afirmar que é escocês, o sujeito assume a posição de cidadão inserido em uma sociedade regida por leis e regras. Posição esta repudiada por Mark, "uma merda completa", segundo ele, pois ser um cidadão é algo insuportável. Talvez, seja por isso, que os três amigos tomam a decisão de voltar à heroína. E, novamente, vemos Mark, Sick Boy e Spud mergulharem no oceano toxicômano, desta vez, acompanhados por Tommy, que justifica seu ingresso na heroína devido às frustrações no relacionamento com Lizzie.

O que vemos, então, é um mergulho profundo na toxicomania, que com o fim do curto período de "lua-de-mel" entre o sujeito e a droga, se torna somente a desesperada corrida por qualquer substância que reduza a angústia de ser. Quando Mark nos relata uma lista de drogas lícitas, as quais compravam, vendiam ou negociavam, admitindo até mesmo tomar vitamina C se fosse proibida, ele nos diz que tomaria qualquer substância que diminuísse sem sofrimento. O que se vive é a repetição constante da tentativa de anular o tempo vivido do sofrimento e de reencontrar o tempo vivido do prazer. Mark e seus amigos buscam incessantemente pelo paraíso perdido. Um paraíso imaginário, mas que eles pensam ter encontrado um dia no passado, durante alguns instantes no encontro com a droga.

Neste momento, no filme, vemos a vida morrer. O bebê, filho de Gail, é encontrado morto no berço. E sem saber o que dizer, Mark e seus amigos atuam, repetem o ritual de jogar a heroína na colher, dissolvê-la e injetá-la em uma veia.

O que vemos e ouvimos no discurso de Mark remete à noção de conduta ordálica. A incessante repetição de comportamentos que colocam em risco a vida. A necessidade de se arriscar tudo, esperando por algo que, mais cedo ou mais tarde, os interrompa. Roubo, assaltos, atuações agressivas que exprimem um sofrimento que agoniza por uma interrupção. O sujeito sabe que não consegue se controlar e, por meio da atuação, espera que algo exterior coloque fim ao seu sofrimento.

No filme, a Lei do social, a justiça, é que interrompe esta escansão. Mark e Spud são pegos, presos, e vão a julgamento. Spud é condenado e Mark absolvido com a condição de que frequente o programa de reabilitação para dependentes químicos do Estado.

O que vemos, em seguida, é uma prova ordálica. Através da overdose, Mark arrisca sua vida, na esperança de renascer caso sobreviva. Sua atuação de risco prova seu valor interno e faz com que a Lei patriarcal intervenha. Seus pais assumem a responsabilidade por seus cuidados, decidindo trancá-lo no quarto para que se desintoxique. Esta é a segunda desintoxicação e, diferente da primeira que tinha um caráter voluntário, aqui o sujeito é obrigado. A Lei patriarcal surge para castrar o sujeito na sua toxicomania.

Durante a desintoxicação, Mark tem delírios e alucinações. O sujeito se depara com todos os conteúdos e sentimentos que o angustiam. A culpa e o medo o consomem. O sofrimento, neste momento, é irremediável, sem a droga o sujeito tem de lidar com a realidade externa e com uma devastadora realidade interna, um imaginário fecundo de infinita angústia.

Desintoxicado, Mark vive mais uma prova ordálica: o teste de HIV. Ele mesmo fica surpreso com o resultado negativo, mesmo depois de anos correndo o risco de ser infectado pelo vírus. Porém, é a partir deste momento que sua vida se reinicia. Mark renasce para uma nova vida e nesta a droga não está mais presente. Ele terá de lidar agora com o sofrimento do sujeito desintoxicado, como ele mesmo nos diz "*Depressão, tédio. Sente-se tão mal, que se quer morrer*".

Mais uma vez, a presença de Diane vai além do relacionamento sexual, ela representa o "resto" que escapou à heroína.

A busca pela vida leva Mark até Londres, onde começa a trabalhar como corretor imobiliário. Tal trabalho, ao mesmo tempo, que anuncia sua reinserção no social, trata-se também de um jogo, com o limite de responsabilidade que implica o jogo, tornando menos intensa a angústia. O jogo, aos poucos, se transforma em desejo de vida, reintroduzindo no sujeito aspectos esquecidos ou anteriormente não experimentados, os pequenos prazeres do cotidiano.

Entretanto, o retorno de Begbie e, posteriormente, de Sick Boy colocam em xeque essa nova vida. A vinda do passado representa a lembrança do gozo do passado. Porém, é o retorno à Escócia que traz consigo as ordálias definitivas para a nova vida.

A morte de Tommy devido à toxoplasmose mostra que, de um modo peculiar, a heroína representa a possibilidade de vida para o toxicômano. Tommy é infectado através das fezes do gato, que ele havia comprado para dar de presente a Lizzie. Porém, ela não aceita o presente. Tommy morre após uma tentativa de resgate da sua vida anterior, de sujeito não-toxicômano. Frustrado, ele permanece ancorado a heroína. A causa da morte é uma surpresa até mesmo para Mark.

Tal fato trágico, a morte de Tommy, reúne novamente e, pela última vez, os quatro amigos, que juntos viverão, mais uma prova ordálica. Eles se arriscam ao revenderem quatro quilos de heroína. No entanto, é interessante o modo como, desta vez, eles entram em contato com a droga. Neste momento, eles são os traficantes, deixam de ser os usuários, exceto por Mark, que toma as últimas doses de heroína, mais uma ordália, na qual sai vitorioso para, mais um, renascimento. Pode ser entendido como uma despedida, Mark, agora sujeito desintoxicado, sabe que o *flash* não é real, que o paraíso é inatingível.

Ao descrever a sensação de vitória na última ordália, na qual os quatro amigos conseguem revender a droga, Mark vive algo semelhante ao *flash*. Ele sabe que é algo intenso, porém que permanece pouco tempo. As 16 mil libras representam o social, o dinheiro representa o poder na sociedade capitalista, na qual os quatro sujeitos estão inseridos.

Quando Mark rouba os amigos, ele tenta, desta vez, escolher pela vida, rompendo definitivamente os últimos laços da toxicomania, traíndo os amigos com quem partilhava

a toxicomania. Ele escolhe escolher e, escolher implica em aceitar o aspecto insaciável do desejo.

O filme se encerra como começou, ponderando as escolhas que fazemos na vida, caracterizando o ciclo espiral da toxicomania, no qual por mais diferentes que pareçam ser as escolhas, as inúmeras tentativas de iniciação se repetem, sempre distintas, porém sempre repetidas. Em mais um renascimento, Mark escolhe escolher, escolhe pela vida. Isso até a próxima tentativa, a próxima iniciação, até quando Mark não suportar sua escolha pela vida. Ou não. Entre as inúmeras possibilidades de escolhas, Mark pode surpreender.

Considerações Finais

"Tanto quanto eles, o dia-a-dia me parecia insatisfatório em relação ao poder de evasão que a droga traz em todas as noções que temos do tempo. Assim como eles, tinha uma saudade doida e gostaria de voltar para a tranqüilidade do seio materno. E como eles, ficava entusiasmado com a possibilidade de imaginar infinitamente, de alucinar a realidade conservando-se, sempre, um ser adulto. E, como eles, sonhava com um prazer absoluto, muito além do prazer sexual, um prazer que não seja fantasmagórico, mas que dure e se repita."

Olivienstein, *Os drogados não são felizes*, 1977, p. 324.

Trainspotting e toda a obra de Olievenstein possuem uma imensa riqueza de elementos que transcendem a toxicomania. No entanto, o percurso do trabalho procurou destacar os pontos mais evidentes da toxicomania presentes no filme, priorizando o sujeito na sua especificidade e o movimento ciclotímico característico desta clínica.

Para além do mérito do diretor Danny Boyle em retratar a toxicomania e do autor Olievenstein em teorizar sobre esta clínica, está a justificativa para a escolha dos dois para falar sobre a toxicomania: ambos discutem o tema sob uma perspectiva que se aproxima do sujeito toxicômano, tentando compreendê-lo em seu próprio contexto.

Tal aspecto semelhante entre ambos é essencial para se pensar em toxicomania. Mesmo o filme não abordando diretamente alguma questão ligada à clínica psicanalítica da toxicomania, ele ilustra, sem críticas ou moralismo, a conduta de um sujeito toxicômano e o seu sofrimento inexorável. Sendo a compreensão destes aspectos fundamentais para se discutir tal clínica.

Referências Bibliográficas

BENTES, Lenita et al. **O Brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

BENTO, Victor Eduardo Silva. **O paradoxo da vivência de morte do toxicômano**. Arquivos Brasileiros de Psicologia: Rio de Janeiro v.38, n.1, jan/mar, 1986, p. 47-57.

BERENDONK, Eduardo Henrique Coutinho. **Gozo logo existo, em busca do pensamento: um estudo psicanalítico sobre as drogadições**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005. p. 26-45. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/teses/0116782_05_cap_02.pdf>
Acessado em: 27 de março de 2007.

MACEDO, Flávia Garcia de. **Farmacodependência: a busca de uma presença no mundo**. São Paulo: PUC-SP, 1996. 143p. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIEVENSTEIN, Claude. **Os drogados não são felizes**. Tradução de Marina Camargo Celidônio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

OLIEVENSTEIN, Claude. **A vida do Toxicômano**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

OLIEVENSTEIN, Claude. **A droga**. Tradução de Marina Camargo Celidônio. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIEVENSTEIN, Claude. **Destino do toxicômano**. Tradução Maria Dominique Grandy. São Paulo: Almed, 1985.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O não-dito das drogas**. In: O não-dito das emoções. Tradução de Angela Melin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 84-92, 1989.

OLIEVENSTEIN, Claude. **A clínica do toxicômano – A falta da falta**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PACHECO Filho, Raul Albino. **Drogas: um mal estar na cultura contemporânea**. In: Psicanálise e Universidade. PUC/SP, nº 9/10, 1998.

SILVEIRA Filho, Dartiu Xavier da. **Drogas – Uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 1-29, 1996.

Filme *Trainspotting* dirigido por Danny Boyle, Grã Bretanha, 1996.

Roteiro do filme *Trainspotting* escrito por Josh Hodge.